

FOTO: GIOVANNA PACHECO

# QUAL É A SUA SÃO PAULO?

Moradores da quinta maior região metropolitana do mundo contam como se apropriam de seus espaços e criam realidades mais próximas de suas personalidades e raízes

GIOVANNA PACHECO



*À pequena Catarina, que ainda há de apropriar  
sua Grande São Paulo.  
Catarina, minha sobrinha, vibro pela existência  
da sua vida todos os dias da minha.*

## **REPORTAGEM**

Giovanna Pacheco

## **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Giovanna Pacheco  
Kauane Lahr

## **EDIÇÃO E REVISÃO**

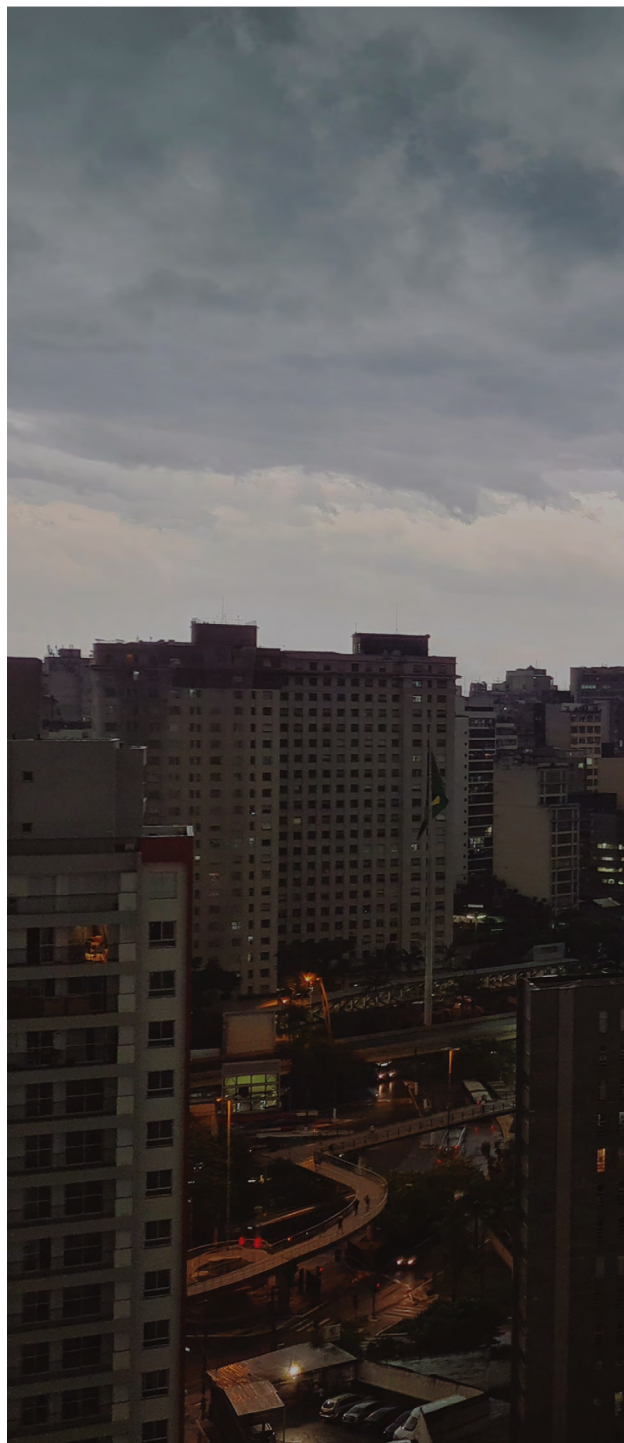
Giovanna Pacheco  
Melina Ayres

## **ORIENTAÇÃO**

Melina Ayres

## **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Departamento de Jornalismo  
Curso de Jornalismo  
2021.1





**QUAL É  
A SUA  
SÃO PAULO?**

FOTO: ARQUIVO PESSOAL FERNANDO SCAVASIN

**p.28** HABITAT URBANO

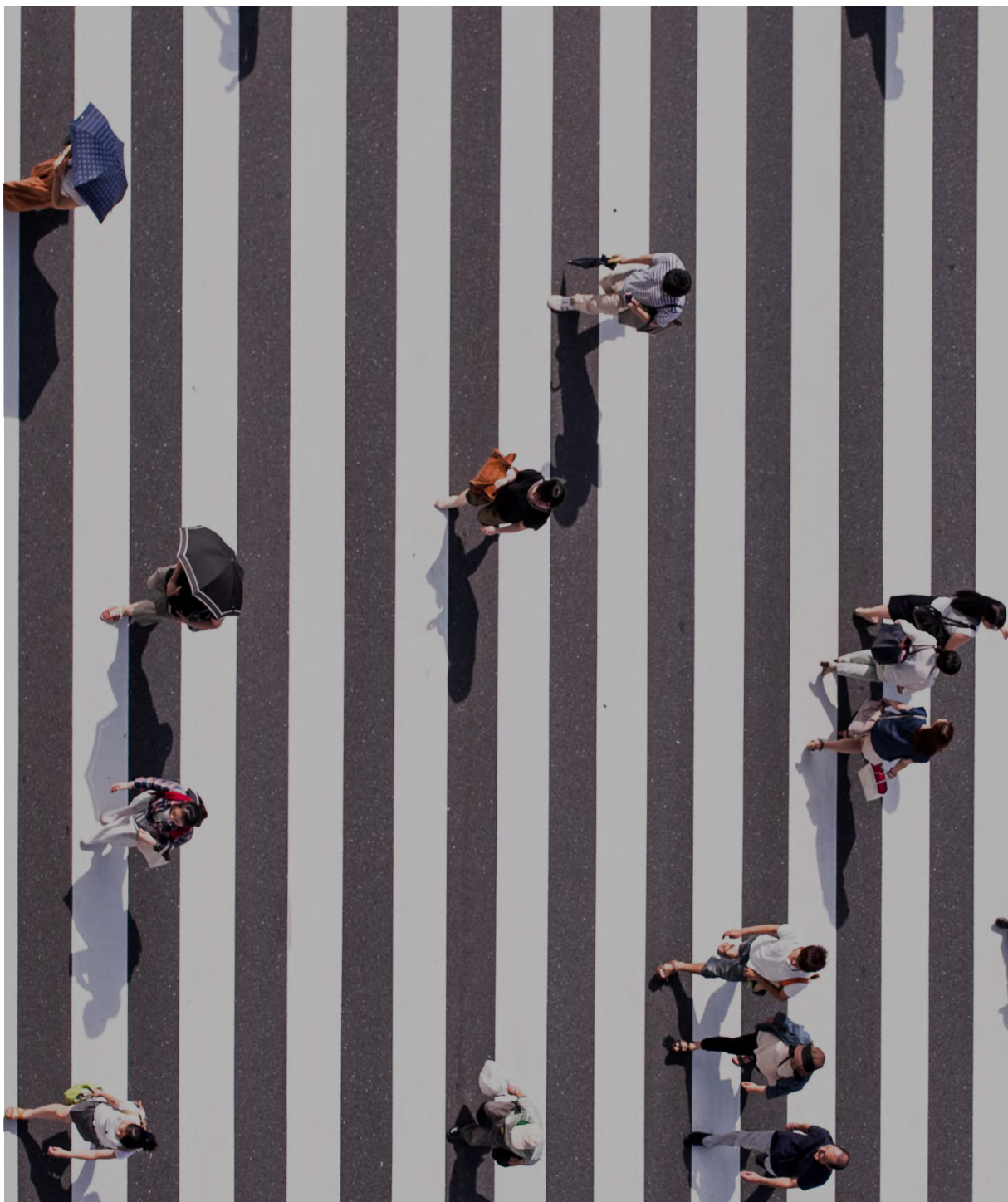
**p.16** MUNDOS E MUNDOS

**p.10** CHEIRO DE TERRA

# SUMÁRIO



FOTO: RYOJI IWATA







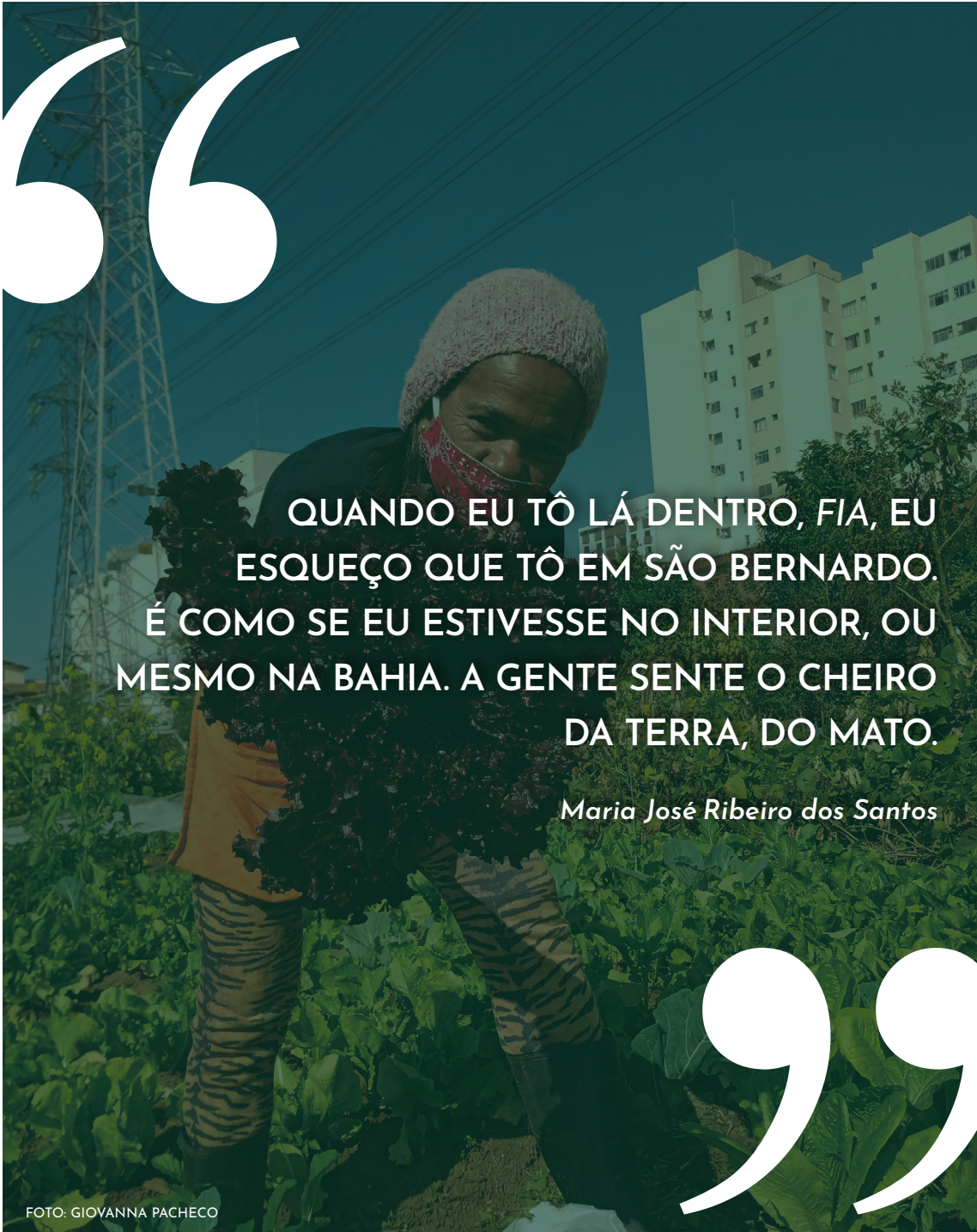
Um a cada dez brasileiros vive na região metropolitana de São Paulo. Um a cada dez brasileiros se cruza seguindo variados ritmos e cotidianos, cada qual com sua peculiaridade. Em uma região em que os prédios e ruas parecem predominar, os experimentos urbanos e as adaptações dos espaços tornam a rigidez do asfalto e do concreto maleáveis aos habitantes.

É nas calçadas e esquinas que diferentes mundos se cruzam, onde florescem narrativas, nascem enxames de lutas e cada cotidiano é degustado.

Há quem diga que experimentar as diferentes 'São Paulos' é uma forma de tentar escapar da inquietação.

Mas, aqui, isso tem outro nome:

**Apropriação.** Nesta reportagem, você vai conhecer cinco diferentes apropriações, cada uma com sua peculiaridade e narrativa inseridas na Grande MetrÓpole.



QUANDO EU TÔ LÁ DENTRO, FIA, EU  
ESQUEÇO QUE TÔ EM SÃO BERNARDO.  
É COMO SE EU ESTIVESSE NO INTERIOR, OU  
MESMO NA BAHIA. A GENTE SENTE O CHEIRO  
DA TERRA, DO MATO.

*Maria José Ribeiro dos Santos*

# CHEIRO DE TERRA

Uma pequena porta dá entrada aos verdes do terreno que vai de uma ponta a outra do quarteirão. Logo no início, já é possível avistar um pomar de pequenas árvores e algumas flores coloridas, mais à frente uma horta muito bem cuidada, com hortaliças e legumes prontos para serem colhidos.

Um corredor de concreto divide o espaço em duas partes, por categorias de alimentos. O lado direito fica reservado para as hortaliças orgânicas, e, do lado esquerdo, há uma pequena cabana de ferramentas junto a flores e plantas medicinais. Ao centro, está localizada a bancada de atendimento para pagamento e separação de pedidos, bem como para armazenamento de hortaliças já colhidas.

No mundo em que vivemos, toda horta orgânica pode ser especial, mas nesta há uma particularidade. Nela convivem dois mundos: um local de plantação e colheita e a base de abastecimento de energia elétrica de São Bernardo do Campo, São Paulo. Ocupando um quarto de toda a quadra e cercado por muros, o terreno é da empresa Enel Distribuição São Paulo e acolhe seis torres de alta tensão, cada uma com cerca de 30 metros de altura. Ao pensar na localização imagina-se

que o barulho das torres se soma ao dos carros da rua. Mas o que predomina no ambiente da horta é o som dos diversos passarinhos, que fazem seus ninhos nas árvores.

A disposição do cultivo é adaptada para que os dois mundos não se atrapalhem: assim como as antenas, a horta está sempre ativa. Não há nenhuma construção próxima das estruturas metálicas, apenas árvores baixas estão plantadas, evitando que seus galhos atinjam qualquer fio.

Estes dois mundos se encontram em uma esquina, na intersecção entre a Rua Juquiá e a Rua Ida Leone Cleto, no maior bairro da região. Com cerca de 50 mil habitantes, Rudge Ramos sedia grandes indústrias, entre elas a fábrica de automóveis Mercedes Benz e a de produtos de limpeza Bombril, metalúrgicas de pequeno e médio porte, grandes comércios e duas universidades renomadas - a faculdade privada Metodista São Paulo e a público-privada Faculdade de Medicina do ABC. Trata-se de um bairro constituído por prédios altos, casas de elevado padrão e favelas. Como tudo na região metropolitana de São Paulo, também conhecida como Grande São Paulo, mistura-se com outras cidades e

faz fronteira com São Paulo capital, São Caetano do Sul e Santo André.

A senhora responsável por cuidar de uma parte do terreno da Enel é Maria José Ribeiro dos Santos, de 59 anos. Ela e mais três senhores dividem o espaço e participam do projeto Hortas Urbanas - organizado pela mesma empresa de energia - que disponibiliza pequenas extensões de terra aos participantes para que não fiquem inutilizadas. Ao fazer esta concessão, a Enel garante que a área não fique sem movimento, evita que o lugar se torne um espaço de descarte de lixo e entulhos, e assim, contém a proliferação de ratos e escorpiões.

O administrador do projeto, Nelson Reis Claudino Pedroso, explica que as pessoas interessadas precisam se inscrever para ter acesso às hortas. Depois, passam por um processo seletivo para que sejam avaliadas suas intenções, seus comportamentos e a possibilidade de boa convivência com os outros integrantes. De acordo com Nelson, esta seleção é importante por se tratar de um terreno com torres de alta tensão, em que as pessoas precisam seguir rigorosas regras de segurança.

Vinda da cidade de Coaraci, na Bahia, Maria trabalhava na roça em empregos informais desde pequena, "nunca tive um emprego, assim, com carteira assinada, pagavam quanto queriam e quando queriam". Há 26 anos, quando veio a São Paulo em busca de tratamento para a deficiência auditiva de seu filho mais novo, passou a cuidar de crianças, sempre na informalidade. Sem contato com a natureza e com a família, sentia saudades de sua terra natal e não gostava do seu trabalho.

Dona Maria, como é chamada por todos, descobriu a horta há quatro anos em uma conversa qualquer com seu vizinho. Imediatamente pensou que seria uma oportunidade que não podia perder. Inscreveu-se no projeto, foi selecionada e, desde então, é sua própria chefe: "eu trabalho lá, tenho a horta como meu emprego. Graças a Deus, aleluia, amém!".

O assentamento na horta mudou sua vida de um dia para o outro: "quando eu tô lá dentro, fia,



○ corredor central da horta divide as hortaliças por categorias.



FOTO: GIOVANNA PACHECO

eu esqueço que tô em São Bernardo. É como se eu estivesse no interior, ou mesmo na Bahia. A gente sente o cheiro da terra, do mato”. Trabalhar com o plantio lhe permitiu se sentir mais independente. Sua rotina contrasta com a correria de São Paulo: trabalha conforme os horários que deseja, não deve satisfação a ninguém e tira seu dinheiro vendendo hortaliças por “um precinho que nem eles fica no prejuízo nem eu”. Uma sacola cheia de couve, por exemplo, custa R\$ 2,00 e dois pés de alface custam R\$ 3,00.

## PROJETO HORTAS URBANAS

A horta faz parte do projeto Hortas Urbanas, que pertence à Enel Distribuição São Paulo, empresa tradicional de distribuição de energia pelas cidades do estado.

Normalmente, espaços como os terrenos em que as torres de alta tensão estão instaladas, passam pelo acúmulo de lixo deixado pelas pessoas e a conseqüente proliferação de animais que transmitem doenças. Este problema afeta moradores e empresas da região.

Como parte da solução, a empresa oferece espaços de seus terrenos para pessoas que tenham interesse em torná-los produtivos. Elas não precisam pagar ou trabalhar para a empresa, mas devem seguir a condição de manter o cultivo de hortaliças ativo. O custo de quem assume a horta está no consumo da água para irrigação e nos insumos para a plantação. Segundo o administrador do projeto, Nelson Reis Claudino Pedroso, com esta troca, a empresa e os ocupantes se beneficiam.

Os interessados passam por uma espécie de processo seletivo e, se aprovados, realizam cursos e formações para que possam realizar o assentamento com segurança.

## ANTROPOLOGIA URBANA

A antropologia urbana analisa a dinâmica das cidades, sem intervir em sua estrutura: a forma como as pessoas vivem a cidade e como a sociedade intervém a todo tempo em sua configuração. Segundo o Laboratório de Antropologia Urbana da USP, sua definição é dada como o “estudo de grupos e instituições sociais, processos culturais e dinâmica espacial no contexto urbano contemporâneo, com ênfase tanto nas territorialidades, movimentos sociais e discussões sobre processos de requalificação urbana, quanto na análises de redes de sociabilidade, juventude e lazer”.

Esta modalidade se relaciona a todo tempo com a arquitetura, por terem seus objetos de estudo compartilhados. Segundo o antropólogo urbano José Magnani, “ambas analisam o espaço construído e a forma como é feito pelas pessoas e para as pessoas”, com a diferença de que a arquitetura intervém conforme as exigências da sociedade, e a antropologia urbana estuda como a sociedade deseja intervir.

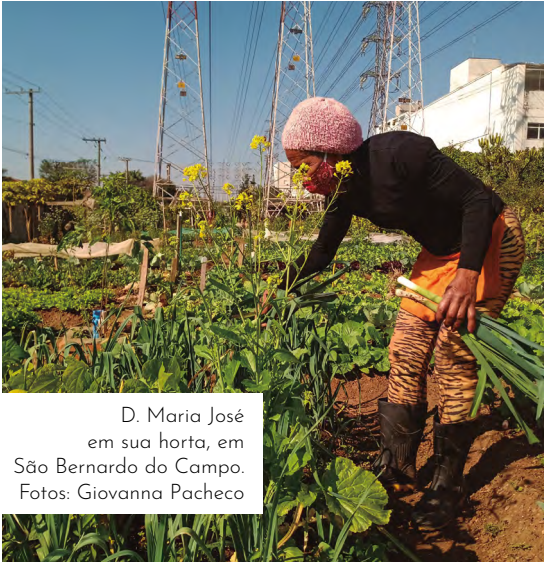


O espaço com sombra, café e descanso de D. Maria.  
Fotos: Giovanna Pacheco

14

A cidade que sedia a horta de Dona Maria, São Bernardo do Campo, faz parte da região metropolitana de São Paulo, quinta maior do mundo, composta por 39 municípios e por um mar de histórias. Segundo o antropólogo urbano e doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (USP), José Guilherme Cantor Magnani, “uma metrópole, na escala de São Paulo, abriga muitas experiências urbanas e essas experiências são resultado das formas de apropriação dos moradores. Não é escapar da cidade, é se apropriar dela de uma outra forma”.





D. Maria José  
em sua horta, em  
São Bernardo do Campo.  
Fotos: Giovanna Pacheco



A vivência de alguém em qualquer lugar é carregada de apropriações e percepções únicas sobre o espaço. O conceito de **Apropriação** permite explicar o modo como as pessoas vivenciam determinado local e buscam adaptá-lo àquilo que desejam. Para Gustavo Martineli Massola, doutor em psicologia social pela USP, a apropriação é um termo importante para entender que as pessoas sempre buscam tornar os lugares parecidos com o que elas se identificam, “ou seja, você vai se apropriando desse lugar a fim de torná-lo propriamente seu, tornar algo mais parecido com aquilo que você deseja dele. Então, se apropriar não quer dizer tomar para si, quer dizer torná-lo mais parecido com você, com quem você é”.

Ao se depararem com um local diferente do que estão acostumadas, os indivíduos passam por dois processos que ocorrem simultaneamente: mudar o ambiente e mudar a si próprios. O primeiro é a transformação do ambiente para torná-lo mais acolhedor para si. O segundo é a percepção que se tem sobre o espaço, em que novas referências são criadas, como, por exemplo, os caminhos para

o mercado e para a farmácia. “Você vai se apropriando e vai construindo elementos simbólicos na sua cabeça que te permitem a se localizar nesse novo lugar”, explica Gustavo.

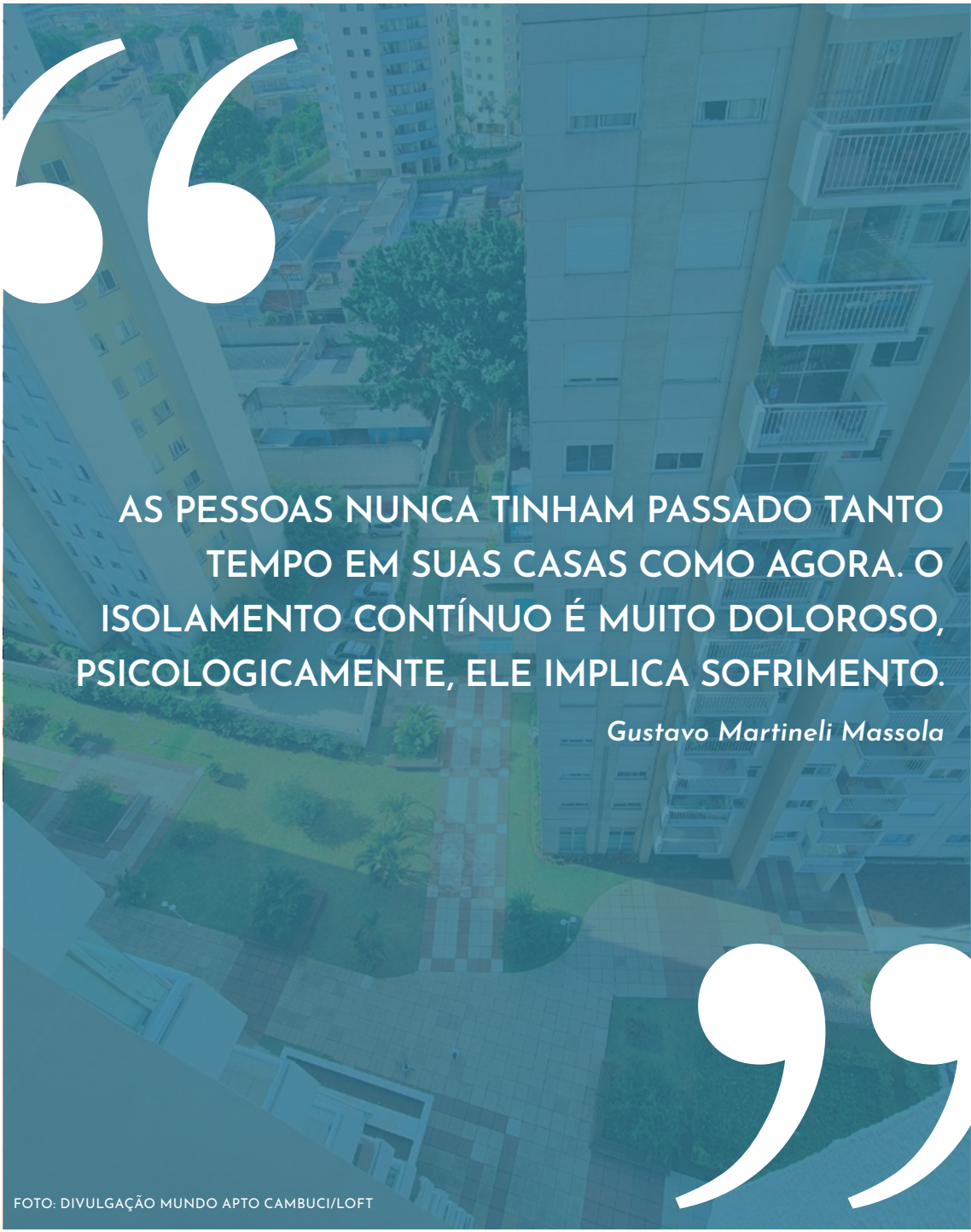
Um dos principais motivos pelo qual Dona Maria cultiva um amor tão grande pela horta, é a forma como se apropriou dela. O lugar a transporta para Coaraci e sua vida na roça. Mas, quando perguntada:

- Dona Maria, então a senhora sonha em um dia voltar para a sua terra?

- Só se eu ainda tivesse cuidando de criança - responde, quase que resmungando.

Agora, sua terra é São Paulo e não há ser humano que mude isso. “Vai depender como Deus vai determinar o meu destino. Se Ele preparar tudo e mandar eu ir, aí eu volto. Mas se for por vontade minha, aí só vou lá passear e pronto”.

Assim como Maria encontrou seu pedacinho de roça em meio ao asfalto, de acordo com o antropólogo urbano José Magnani, é possível encontrar em São Paulo uma gama de experimentos. São milhões as apropriações do mundo urbano, com suas proximidades e diferenças convivendo lado a lado.



AS PESSOAS NUNCA TINHAM PASSADO TANTO TEMPO EM SUAS CASAS COMO AGORA. O ISOLAMENTO CONTÍNUO É MUITO DOLOROSO, PSICOLÓGICAMENTE, ELE IMPLICA SOFRIMENTO.

*Gustavo Martineli Massola*



# mundos e MUNDOS

Nascido na Inglaterra, Freud Siegfried Campbell vive com sua esposa e sua filha em um condomínio com aproximadamente mil moradores em 342 apartamentos. São três torres abrigadas em um espaço de seis mil m<sup>2</sup> e uma vasta área de lazer: quadra de futsal, salão de festas, churrasqueira, pista de cooper, brinquedoteca, piscina aquecida, academia, playground e espaço teen.

O condomínio fica junto a diversos outros altos prédios do bairro Cambuci, em São Paulo, a poucos quarteirões do Rio Tamandateí, que é acompanhado e, por vezes, coberto pela Avenida do Estado - uma das principais vias da cidade, que liga o centro do município de São Caetano do Sul. Trata-se de uma localização totalmente urbanizada, onde até mesmo o rio é concreto.

A fachada do condomínio é simples, com portões brancos e grandes muros pintados de bege. Seus prédios, também beges, têm pequenas sacadas como as outras construções da região. Por fora, parece um prédio a mais, não há nada de singular. No entanto, ao entrar, é possível sentir que o chão de toda a área comum é macio. Com aspecto

de borracha, há minúsculas frestas entre cada lajota, para que a água da chuva escoe. É como se fosse um piso duplo, em que o primeiro capta e o segundo encaminha a água para um tanque. Este pavimento faz parte de uma estrutura para captação de água e armazenamento, já que a região tem alta frequência de chuvas e as inundações são comuns. Depois de captada, a água da chuva permanece armazenada e é escoada aos poucos, para evitar enchentes.

Esta é uma das tecnologias do Mundo Apto Cambuci, um dos primeiros condomínios ecológicos do Brasil. Trata-se de um conceito sobre cuidados com a natureza atrelados à realidade urbana. Este edifício é um dos tantos condomínios Mundo Apto construídos em São Paulo, que tem como ideia base a sustentabilidade, buscando tornar o cotidiano menos agressivo à natureza. Entre os recursos, o empreendimento também tem tanques de armazenamento da água da chuva, estações de água de reuso e aquecimento por energia solar. O espaço térreo possui um vasto jardim com gramados, hortas e pomares, que podem ser usu-

fruídos e cultivados pelos moradores contribuindo com a proposta ecológica.

Freud é o síndico do condomínio há dez anos e, além de lidar com a convivência dos moradores, gerencia todas as tecnologias do prédio. Químico de formação com especialização em tratamento de água, ele explica que é necessário ter cuidado em todos os processos.

A estação de reuso, por exemplo, é feita a partir dos banhos: toda a água utilizada no chuveiro dos moradores passa por uma estação de tratamento e depois volta aos apartamentos para ser utilizada no vaso sanitário. Segundo ele, "se não tivesse uma pessoa com conhecimentos químicos e principalmente com conhecimento sobre água, todos estariam com a estação desligada". Isto porque existem produtos químicos e insalubres que precisam de cálculo e manuseio rápido, para não desequilibrar o pH e a qualidade da água e também mantê-la incolor e inodora.

Já o aquecimento da água por painéis solares é algo mais simples de gerenciar, de acordo com o síndico. Uma placa como a que

está instalada nos prédios tem durabilidade de 25 anos, com um custo de manutenção baixo. Aquecida pelos raios solares, a placa acumula calor e esquentam a água, que chega aos chuveiros em uma temperatura de aproximadamente 40°C. Normalmente, o índice de desempenho das placas é melhor durante o verão, devido à incidência do sol e ao uso da água em temperaturas mais baixas. As torneiras e chuveiros dos apartamentos contam com um dispositivo de aeração, para diminuir a vazão de água e evitar desperdícios.

Além dos benefícios ecológicos, os dispositivos do prédio trazem economia ao condomínio e, claro, aos moradores. Segundo Freud, 70% dos gastos de qualquer condomínio provêm de funcionários e do consumo de luz e água, sendo cerca de 35% cada um, em uma divisão simples. No Mundo Apto Cambuci, há uma economia de 30% nos gastos do consumo, o que, ao final do mês, faz diferença. "Então esse prédio tem muita área de lazer, mas o condomínio não é elevado justamente por causa desses itens".

18

FOTOS: LAURA PEDROSO



Os gastos com a manutenção incluem a compra de produtos químicos para equilíbrio do pH da água, materiais para a montagem do filtro, equipamentos para a retro-lavagem, para manter o filtro higienizado e a água sem cheiro, além de funcionários e empresas para auxílio em todo o processo. Mesmo assim, nos períodos em que a estação de água ficou desligada, o gasto do condomínio aumentou consideravelmente.

Levando em conta o aumento de 52% na bandeira vermelha dois em todo o Brasil e o acréscimo de 10% na conta de luz residencial em São Paulo aprovados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) em 2021, toda e qualquer economia de energia é válida para fechar os gastos. E o custo da eletricidade está atrelado ao consumo de água, uma vez que, segundo o Ministério de Minas e Energia, neste ano o Brasil passa pelas maiores estiagem e crise hídrica dos últimos 91 anos. Por causa desta conjuntura, foi necessário ativar as usinas termelétricas do país.



## PSICOLOGIA AMBIENTAL

A psicologia ambiental estuda a relação dos indivíduos com o ambiente físico e a forma como ele pode interferir nas personalidades. Para o psicólogo Gustavo Massola, "a psicologia ambiental dá enfoque a como as pessoas são corpos físicos ocupando um lugar e como isso influencia nelas e no espaço. Busca entender como as paredes do lugar, a temperatura, luminosidade, cores, sonoridade e aglomeração, por exemplo, interferem em quem eu sou".

19



FOTOS: LAURA PEDROSO



Freud explica que a forma como os apartamentos foram oferecidos foi justamente para dar enfoque aos itens ecológicos e a esta economia a longo prazo. Ele conta que “um dos motivos de eu ter comprado aqui foi justamente por ter um lado virado para o meio ambiente, é algo que eu me interesse”, mas que o fator economia influenciou muito.

“

A cidade falhou. Quando é necessário isolar as pessoas, São Paulo não tinha e não tem condições de se manter funcionando e ao mesmo tempo manter as pessoas com uma distância relativamente segura. Isso mostra muitas falhas no planejamento urbano.

”

A partir da ferramenta on-line de aluguel e venda Loft, é possível constatar que um apartamento do Mundo Apto Cambuci, construído em 2007, de 54 m<sup>2</sup>, dois quartos e um banheiro está avaliado em R\$ 484.000,00. Em um bairro que o metro quadrado é valorizado e com todas as áreas de lazer, o valor do condomínio é cerca de R\$500,00 por mês.

Para efeito de comparação, na mesma ferramenta está publicado um apartamento em um edifício vizinho, construído em 2006, sem a proposta ecológica e com a mesma valorização no mercado. Um apartamento de 56 m<sup>2</sup>, dois quartos e dois banheiros, custa R\$ 520 mil. Com menos opções de lazer que o outro condomínio, o custo mensal é de R\$ 960,00 por unidade.

Na ponta do lápis, em relação aos custos para a compra do apartamento, a diferença não é grande. Já em relação ao condomínio, um residente do Mundo Apto Cambuci economiza, por ano, R\$ 5.520,00 quando comparado a um morador do outro condomínio da região.

Entretanto, não só a economia mensal é um atrativo, o gramado e o pomar, que não influenciam diretamente em gastos como os outros dispositivos, têm total influência na qualidade de vida dos moradores. Para Freud, a pandemia do novo coronavírus, que atingiu o mundo todo em 2020, foi prova disso. O que tornou sua quarentena um pouco mais amena foi o fato de poder permanecer nas áreas verdes de convivência, uma vez que são espaços de passagem e não foram interditados conforme as matrizes de risco da pandemia.

Para o psicólogo Gustavo Massola, a partir da psicologia ambiental, a pandemia fez com que os indivíduos mudassem totalmente suas relações com seus lares, o que está igualmente atrelado às apropriações da cidade. “As pessoas nunca tinham passado tanto tempo em suas casas como agora. O isolamento contínuo é muito doloroso, psicologicamente, ele implica sofrimento. E nesse sentido percebemos que existe muito pouco estímulo para as pessoas nos lugares de moradia. Elas encontravam pouca alternativa, por exemplo, de uma pequena praça para irem com alguma segurança”.

Embora o Mundo Apto oferecesse espaços de contato com a natureza, mesmo no contexto da pandemia, nem todos os condôminos viveram o isolamento como Freud, de forma amena. Outra moradora, Laura Aparecida Pedroso, de 57 anos, sofreu com o isolamento contínuo mencionado por Gustavo. Ela também aproveitou as áreas comuns do condomínio, mas não sentiu que foi algo que influenciou tanto em sua nova rotina na quarentena. Ao contrário de Freud, ela passou pelo isolamento social em seu pequeno



FOTOS: LAURA PEDROSO

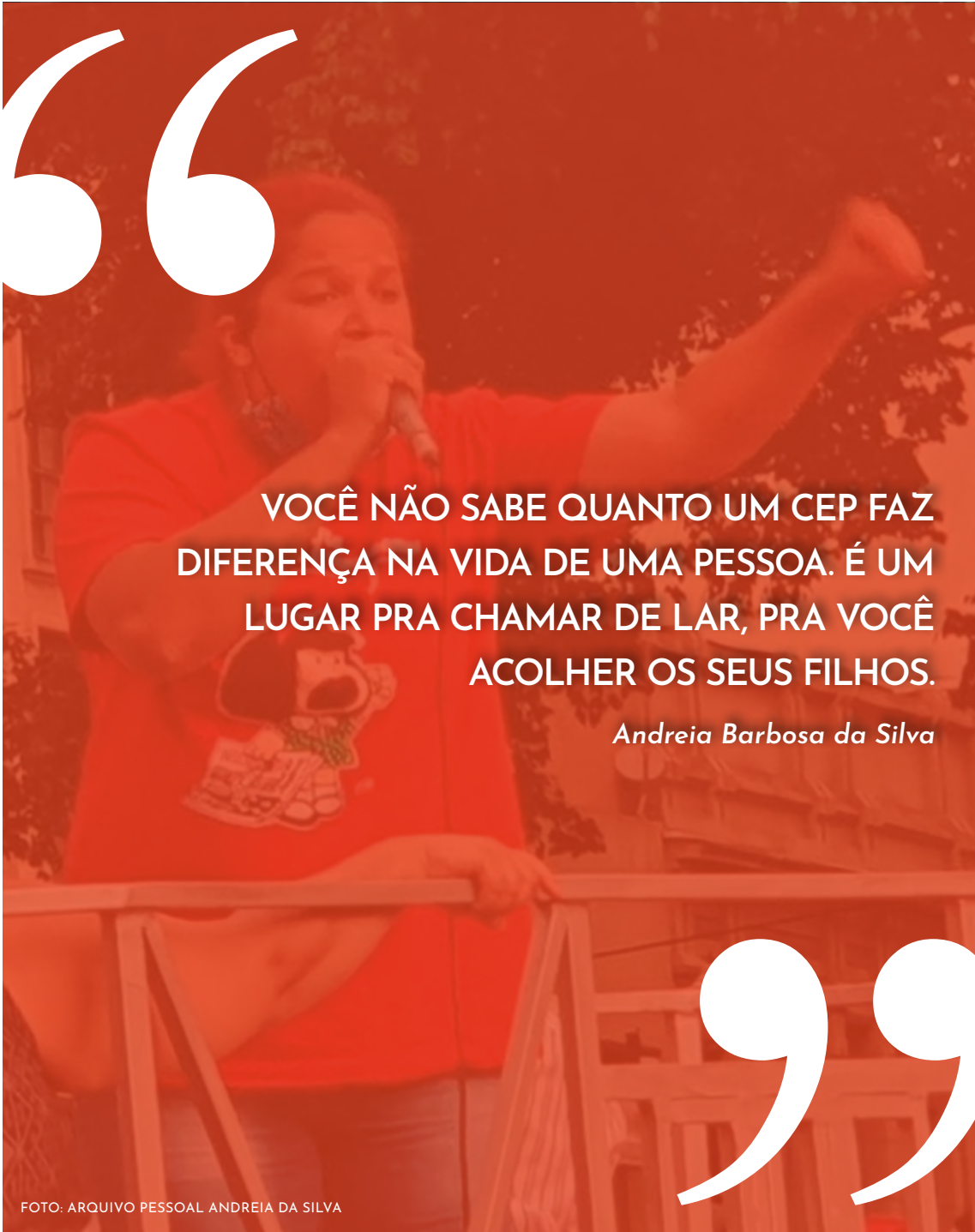
apartamento sozinha. Seus familiares moram em uma cidade próxima, Itanhaém, e Laura preferiu não receber nem realizar visitas durante este período.

“No início encarei tranquilamente. Mas eu fiquei totalmente sozinha e, no primeiro momento, tive muito medo. Não saía nem na calçada. Depois tentei fazer yoga, pilates, biodança, tudo online, pra conseguir oxigenar um pouco e ter contato com pessoas mesmo de longe”. Laura recorda que chegou a passar meses sem sair de casa e, por isso, demorou para voltar a frequentar as áreas comuns do condomínio.

Por mais que tenham uma ampla área de lazer, os apartamentos do condomínio são pequenos, ainda mais para viver em família e em isolamento. Segundo o arquiteto Walter José Ferreira Galvão, doutor em arquitetura com ênfase em conforto ambiental pela USP, foi colocado em cheque o formato dos apartamentos urbanos, que passou por uma minimização nos espaços domésticos a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento das Kitnets. “Agora, por termos que passar mais tempo em casa, e por serem espaços tão pequenos, os conflitos aumentam”.

Para Gustavo, a pandemia trouxe à tona mais um dos problemas das cidades em geral e, principalmente, da região metropolitana de São Paulo. “A cidade falhou. Falhou grosseiramente. A gente percebe que quando é necessário isolar as pessoas, São Paulo não tinha e não tem condições de se manter funcionando e ao mesmo tempo manter as pessoas com uma distância relativamente segura. Isso mostra muitas falhas no planejamento urbano”.

Outro problema que a pandemia escancarou foi a desigualdade social. “Temos que lembrar que, no Brasil, uma parte pequena da população pôde se isolar e foi a classe média, classe média alta. A maior parte da população não se isolou dessa forma. Então existem outros testes que a cidade sofreu em que ela foi reprovada. A própria quarentena me parece que foi um deles”. Para milhões de brasileiros, a possibilidade de isolamento social sequer existiu.



VOCÊ NÃO SABE QUANTO UM CEP FAZ  
DIFERENÇA NA VIDA DE UMA PESSOA. É UM  
LUGAR PRA CHAMAR DE LAR, PRA VOCÊ  
ACOLHER OS SEUS FILHOS.

*Andreia Barbosa da Silva*

# UMA PORTA SÓ MINHA

Em uma tarde de maio de 2014, enquanto assistia ao jornal em um dia de folga, uma cena chamou a atenção de Andreia: uma reportagem, que mostrava a ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), explicava quais eram as reivindicações dos militantes. “Era uma reportagem assim ‘o MTST invadiu um terreno aqui próximo ao Itaquerão’ e começaram a filmar um senhor construindo um barraco de bambu e lona, falando do aluguel exorbitante que tinha aumentado. Ele pagava um valor e, conforme ia sair a construção do estádio, aumentavam o valor do aluguel. Em dois cômodos ele tava pagando R\$ 800,00”, lembra.

Ao assistir à matéria, Andreia Barbosa da Silva, 37 anos, viu sua história repetida: “parecia que ele estava me descrevendo: trabalha, trabalha e não tem onde morar”. Após ficar viúva em 2009, passou a receber pensão e mesmo assim precisava trabalhar como auxiliar de produção durante o dia e como vigilante à noite, para manter seus cinco filhos. Às vezes conseguia morar de aluguel, mas frequentemente passava por problemas financeiros e precisava voltar à casa de sua mãe.

Quando soube que outras pessoas viviam o mesmo que ela, resolveu que no dia seguinte não iria bater ponto. Foi direto à ocupação Copa do Povo, que ocorria em Itaquera, a cerca de 4 km da construção da Arena Corinthians para a Copa do Mundo de 2014. Como nunca havia participado de movimentos sociais, chegou empolgada e, ao mesmo tempo, muito desconfiada. Achava que poderia ser enganada e perder o pouco dinheiro que tinha, mas, após alguns dias frequentando a ocupação, surpreendeu-se. Recebeu boas-vindas, ferramentas e instruções para montar seu barraco.

Passou dias na Copa do Povo montando seu canto, tentando entender como funcionava a luta pela terra e como deveria agir. “E nesse meio tempo passava um pessoal dizendo:

- Atenção! Tal hora vai ter assembleia!

Como eu já fui evangélica praticante, eu pensava ‘assembleia? Mas o que será que eles tão falando... Será que vai ter culto?’”.

Depois, descobriu que as assembleias eram reuniões semanais de instrução e alinhamento de todos os integrantes do Movimento. Após construir seu barraco, demarcou com fita um

grande espaço do terreno para mostrar que era seu. Esta ação lhe rendeu algumas advertências e, depois da terceira, entendeu que “íamos mostrar, provisoriamente, que a gente tava num déficit habitacional, e que era pra ser um barraco simbólico. Se caso precisasse ficar lá porque não tinha lugar pra ficar, poderia fazer um maior pra caber a família, mas não era pra pegar um terreno enorme”.

A advogada Luzia Maria Cabreira, mestra em segurança cidadã pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), explica que o direito à moradia e à propriedade são normatizados e protegidos pela constituição. O direito civil protege a propriedade privada e este direito só é perdido quando sua função não é seguida. A advogada esclarece que normalmente as ocupações ocorrem quando os movimentos percebem que o terreno não cumpre seus deveres com a sociedade, ou está abandonado. Caso o terreno esteja cumprindo sua função, o proprietário tem o direito total de acionar a polícia para que a ocupação seja retirada.

A advogada também diferencia dois termos que normalmente são confundidos: ocupação e invasão. Segundo ela, ocupação é um ato realizado na propriedade em função dos direitos e deveres que alguém tem e não está cumprindo devidamente, o que afeta outras pessoas. E invasão é quando o território está cumprindo sua função, na legalidade, e mesmo assim alguém passa a utilizá-lo, tomando para si.

Foi assim que Andreia resolveu ficar na ocupação por sentir que, com o Movimento, o sonho da casa própria estaria mais próximo. Contou, aos risos, sobre como delirava sua moradia: “Sabe como era? Eu ficava lá com a esperança de ter um quarto pra cada filho, um quarto pra mim e um quarto de hóspede. Mas, pensa. Se eu sou mãe de cinco, minha casa ‘naturalmente’ teria sete quartos!”.

Enquanto sonhava, começou a trabalhar na cozinha coletiva da ocupação, porque



Militantes da 'Copa do Povo' construindo seus barracos de bambu e lona, em maio de 2014.

FOTO: PETER LEONE/FUTURA PRESS



O trabalho nas cozinhas comunitárias aumentou durante a pandemia, por conta do aumento da vulnerabilidade social.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL ANDREIA DA SILVA



preferia não se envolver e não conversar. Achava que a estrutura de sua família era apenas seu marido e, após cinco anos de luto, perguntava-se o que seria de sua vida. Na cozinha, passou a prestar atenção na história de cada pessoa e perceber que poderia construir sua própria narrativa. Andreia passou a se soltar e se envolver ainda mais no Movimento. “Eles me ensinaram que a força também pode vir da mulher, e que nós todos somos a estrutura da nossa casa. Comecei a me fortalecer nisso, né, aí comecei a tirar aquela angústia, aquela depressão”.

tanto quando se separam. Elas ficam com os filhos e acabam na casa de um e de outro ou pagando aluguel e não têm sua própria casa. Então a casa ela vem de uma forma diferente quando é pra mulheres”.

Em um país como o Brasil, em que, segundo o Censo 2010, há 6,9 milhões de famílias sem casa para morar e 6,05 milhões de imóveis vazios, poucos conhecem o privilégio de ter um teto. Para calcular o déficit habitacional de um local, quatro fatores são levados em consideração: precariedade dos domicílios, coabitação familiar, valor excessivo do aluguel e quantida-

“

Eles me ensinaram que a força também pode vir da mulher, e que nós todos somos a estrutura da nossa casa. Comecei a me fortalecer nisso, aí comecei a tirar aquela angústia, aquela depressão.

”

25

O psicólogo Gustavo Massola explica, partindo da compreensão da psicologia ambiental, que a existência das pessoas que não têm uma moradia fixa está alicerçada em um ambiente incerto e inseguro, o que influencia diretamente em suas vidas. Esta incerteza é grave, uma vez que as identidades se desenvolvem a partir de uma referência estável sobre o mundo. “Quando somos bebês precisamos de segurança e quando somos maiores precisamos de um mundo mais ou menos estável. Se o mundo uma hora tá de um jeito e outra hora tá de outro, a nossa identidade não se desenvolve do mesmo jeito e se torna incerta, porque a definimos pelo modo como ocupamos o mundo”.

Com uma opinião semelhante, Andreia complementa: “a moradia, ter um teto, faz toda diferença na vida de uma família, principalmente na vida das mulheres, que sofrem

de de moradores por dormitório. São Paulo é a cidade com maior déficit habitacional do Brasil, e também lidera o maior índice em todos os quatro componentes.

Andreia conquistou as chaves de sua casa em 18 de março de 2019, graças a uma outra ocupação em um terreno ocioso de Santo André, iniciada em 2012, ainda antes de ela entrar no Movimento. O apartamento no “condomínio de luta” não tem sete quartos, mas trouxe a estabilidade de um lar e a “certeza de que estou tornando o mundo melhor para meus filhos”. Ao avaliar o vivido, ela explica: “eu me senti muito valorizada na ocupação, reconheci o poder da mulher e hoje tenho um lar pra chamar de meu. Você não sabe quanto um CEP faz diferença na vida de uma pessoa. É um lugar pra chamar de lar, pra você acolher os seus filhos e até mesmo suas visitas”.

Essa importância se tornou ainda mais gritante com o início da pandemia do coronavírus, que contaminou mais de 20,7 milhões de brasileiros, matou 579 mil vítimas no país e escancarou as facetas da desigualdade social. Além do fato de o isolamento social ser um privilégio de algumas classes sociais, como explicado pelo psicólogo Gustavo Massola, Andreia trouxe à tona a precarização de necessidades e direitos básicos do cidadão.

Segundo ela, o ritmo de trabalho no MTST aumentou e está atuando mais que a capacidade do movimento. O grupo passou a trabalhar intensamente na arrecadação de dinheiro, de cestas básicas e nas refeições da cozinha comunitária, para distribuição de marmitas. Conforme um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), publicado em maio de 2021, o Brasil teve a queda no nível de empregos mais intensa que 84,1% dos 63 países analisados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), comparando os três últimos trimestres de 2019 e de 2020.

Para Andreia, estas mudanças foram perceptíveis no cotidiano. “Só deixou claro aquilo

tudo que a gente já fazia luta pra não existir. As pessoas que mais sofrem são as que tinham trabalho informal ou trabalhos precarizados e foram mandadas embora. Tem aumentado o número de pessoas na rua, aumentou pessoas no farol vendendo”.

Agora, a luta segue intensiva para que as pessoas tenham acesso ao básico. “‘Fica em casa’, com que casa? ‘Lave a mão com sabão’, que sabão? Que álcool em gel que vai passar? A gente fez aqui cestas básicas e a gente entregava elas, mas onde as pessoas iam cozinhar? Se o gás aumentou para caramba”. A partir de orçamentos realizados em 19 de julho de 2021, um botijão de gás nas cidades da Grande São Paulo tem o preço médio de R\$ 100,00.

Mesmo com trabalho redobrado durante a pandemia, Andreia segue envolvida com o Movimento, buscando mudanças. Seus companheiros de luta, como costumam se chamar, se tornaram seus amigos e parceiros do cotidiano. Como está sem os outros dois empregos, vive a partir da pensão e dedica todo o seu tempo ao MTST, mesmo já tendo sua moradia.

## MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto é um movimento nacional contra o capitalismo, que luta, a partir da união de sindicatos, pelo direito dos trabalhadores de ter acesso à moradia. Arelada a essa compreensão, reivindica que os moradores da periferia tenham acesso a direitos básicos como alimentação, transporte e trabalho.

Como parte da luta, ocupa um terreno que não está cumprindo sua função social e negocia com o Estado a possibilidade de construção de um conjunto habitacional. Caso a negociação avance, o governo realiza a construção e os integrantes, que estão em uma fila de espera, recebem suas chaves e pagam prestações do financiamento conforme suas rendas comprovadas. Andreia explica que o Movimento acaba tendo o papel de fiscalização, uma vez que identifica terrenos ociosos que não cumprem sua função social e denuncia o déficit habitacional de cada região.


Segundo a página oficial do Movimento, visam “não reproduzir as ideologias que combatemos: opressões, discriminações (machismo, racismo, homofobia, etc.) e valores individualistas”.



Andreia em uma das assembleias do movimento, já atuando como Coordenadora Estadual do MTST.

Hoje é Coordenadora Estadual do Movimento, em Santo André, e, em 2020, foi candidata a vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Conseguiu cerca de dois mil votos, mas não conquistou a cadeira, ficando como vereadora suplente.

A diferença que um teto, um CEP, uma chave fazem na vida de uma pessoa, Andreia consegue explicar melhor do que ninguém. “Eu tenho um quarto com uma porta só minha, sabe? Morei num barraco eu e meus filhos, a gente dormia tudo amontoado. E quando eu sentia necessidade de ter meu quarto, eu fazia um quarto de cobertor pra fora. Tipo, eu morava pra fora da casa. E se chegasse qualquer pessoa querendo fazer alguma coisa, nós tava desprovido de segurança”.



DEFINITIVAMENTE NÃO SAIO MAIS DAQUI!  
EU BRINCO QUE A CIDADE FUNCIONA ASSIM: SE  
VOCÊ ENTRA NA INÉRCIA DE SÃO PAULO, VOCÊ  
TEM UMA VIDA DE MERDA. SE VOCÊ CRIA A SUA  
BOLHA, A CIDADE FICA MARAVILHOSA.

*Fernando Augusto Dias Scavasin*

# HABITAT URBANO

Fernando queria plantar maracujá em sua varanda. Pegou sementes, um vasinho, terra, adubo, tudo que era necessário para dar vida a uma plantinha. O pé vingou. Cresceu, ficou bonito e forte. Mas nunca deu fruta. Nada que ele fizesse trazia as delicadas flores de maracujá, e muito menos o fruto.

Qualquer um que passasse por esse problema, provavelmente tentaria outro pé, outra fruta, ou até mesmo desistiria. Mas o paulistano Fernando Augusto Dias Scavasin, de 36 anos, não. Insistiu na ideia de que deveria haver alguma solução para aquele problema.

Atleta olímpico de esgrima, Fernando está acostumado a enfrentar desafios e buscar soluções variadas diante das dificuldades que se apresentam. Enquanto estava em uma competição de Moscou, na Rússia, em 2018, já pensava em formas de ajudar o maracujá a dar seus frutos. “Entre um treino e outro eu ia lá pesquisar e aí descobri que existia abelha sem ferrão, nem sabia que isso existia”. Então, continuou pesquisando espécies, comportamentos, alimentação e formas de criação.

Quando voltou ao Brasil, soube que ninguém no país criava abelhas em lugares tão altos, como o seu apartamento, no 7º andar de um prédio na Sé, o bairro mais antigo de

São Paulo. “Entrei em contato com especialistas e todos disseram que não ia dar certo. Aí eu fui estudando, estudando, achei que dava, resolvi tentar. Deu certo a primeira, deu certo a segunda e hoje eu tenho uma quantidade enorme de abelhas!”, conta empolgado.

Dar frutos ao maracujá deixou de ser um objetivo e as abelhas se tornaram as protagonistas. Elas viraram moradoras do condomínio com certa facilidade. Um dia, Fernando bateu na porta do vizinho e disse:

- Oi! Eu vou ter abelha agora aqui, se for alguma aí e tiver te incomodando, você me avisa.

- Abelha?! Mas eu morro de medo de abelha! Porque onde eu morava as abelhas lá deram um ataque e mataram um boi.

- Não, as minhas são abelhas sem ferrão.

Após a conversa, Fernando levou o vizinho para conhecer sua casa. “Coloquei [a abelha] na mão dele e ele gostou!”, lembra. Depois, foi conversar com o síndico:

- Agora eu tenho abelha em casa. Se alguém reclamar me avisa que eu mostro aqui pra pessoa conhecer.

Do prédio todo, somente três pessoas ficaram com receio das novas habitantes, mas Fernando se dedicou a mostrar o espaço e o cuidado. “Elas vieram aqui em casa, conhe-

ceram e tiveram até uma aula de educação ambiental! E aí hoje é super tranquilo”. Os vizinhos estão acostumados, “inclusive eu tinha uma [um tipo de] abelha aqui que era mais enxerida, que ia mais nos apartamentos. E aí eu tirei ela, e veio um monte de gente reclamar comigo, perguntar o que tinha acontecido. ‘Ué e cadê as abelhas? Eu não tô vendo mais! Adorava quando elas vinham aqui’”.

As espécies criadas na varanda de 6 m<sup>2</sup> do seu apartamento de 40 m<sup>2</sup> são sem ferrão. As pequenas moradoras ficam em 45 caixas e são de diversas espécies, entre elas, as popularmente conhecidas como Bugia, Uruçu-Amarela, Jataí, Mandaçaia, Mirim Droryana, Mandaguari-Amarela, Mandaguari-Preta, Iraí e Uruçu-Nordestina. Conforme seus cálculos, Fernando estima que tenha de 100 a 150 mil abelhas, com uma média realizada a partir de quantas cabem em cada caixa e pelo desempenho de cada colmeia.

Inclusive, a criação de abelhas com ferrão no estado de São Paulo é proibida, por questões de segurança. A Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente passou a regulamentar a criação de abelhas sem ferrão, em que a pessoa que tem ou deseja ter abelhas, “deverá fazer um cadastro simplificado no Sistema Integrado de Gestão de Fauna Silvestre com dados pessoais e informações das espécies que já possui ou queira trabalhar. Para isso, deverá consultar uma Portaria com a lista das espécies de abelhas sem ferrão de ocorrência e distribuição natural no estado”, conforme determina a portaria publicada em fevereiro de 2021.

Para o atleta, essa regulamentação recente é crucial e deve, sim, ser seguida. “Eu tenho abelhas aqui que são ameaçadas de extinção, eu entendo que é importante o Estado saber que eu tenho essas abelhas, que de repente podem até entrar em um processo de reintrodução na natureza, e eu tô disponível para isso. É tudo uma questão de regulamentação e eu sigo essa linha ética”.

Apaixonado pelas abelhas, Fernando conta que seu objetivo não é ter o mel que elas produzem. Ele até consome, mas em pequenas proporções. “Porque o meu objetivo aqui com elas é que elas cresçam, avancem, produzam o mel para elas. E dentro desse mel que é para elas, quando cresce muito e fica muito grande eu tiro e transformo em duas. E aí gera uma nova rainha e começa uma nova colmeia nesta segunda caixa”. Para realizar esse procedimento e ter uma nova rainha, é necessário esperar o momento exato. Pois há uma relação de alimentos necessários, com condições específicas de temperatura conforme os processos de cada espécie.



Vista da varanda de Fernando.  
Ao fundo, as pontas da Catedral da Sé.



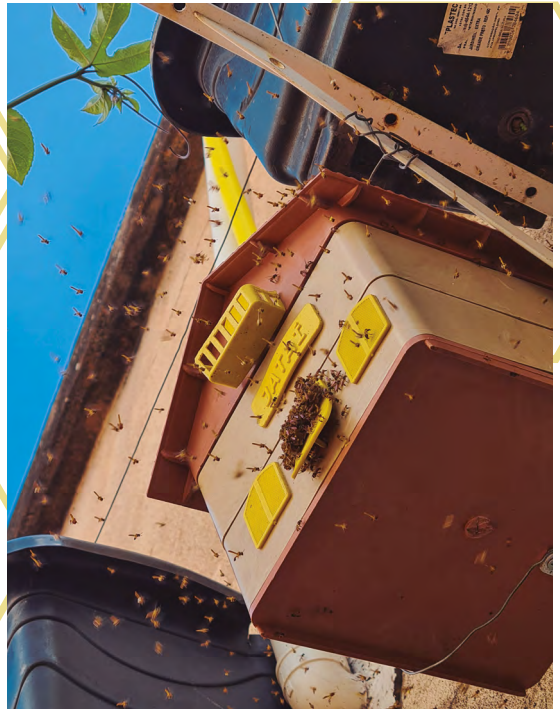
Embora Fernando esteja muito bem informado sobre os processos, afirma que quase não mudou sua rotina para poder cuidar das pequenas habitantes. “Na verdade, tem gente que tem gato, cachorro... E eu tenho abelha. Elas fazem parte desse universo de cuidados que se tem com a casa. O esforço que tenho com a abelha em termos de energia é mais ou menos o mesmo que eu já tinha com as plantas. Basicamente, para cuidar da abelha tem que ter as plantas bem cuidadas também”.

A grande diferença, é que ele está no meio de uma cidade que quase não tem plantas para serem polinizadas, então é necessário dar uma suplementação para que elas se fortaleçam. Ele testou quais espécies se adaptavam melhor ao seu apartamento, sempre levando em consideração questões como altura, temperaturas, alimentação. E realiza um monitoramento contínuo no comportamento de cada espécie de sua casa, para que a alimentação seja dada na medida certa.

Durante o inverno, principalmente em 2021, que teve recordes de temperaturas baixas, a alimentação precisou ser potencializada, para que elas não enfraquecessem. Nestes períodos Fernando monitora, igualmente, a temperatura, porque as abelhas não são adeptas ao frio e, se necessário, cobre as caixas para manter a temperatura adequada.

Quando perguntado sobre a autonomia das abelhas, explica:

- Tem caixa aqui que eu nunca abri, nunca mexi nem nada. Mas tem abelha que precisa um pouquinho mais de cuidado. No mês passado eu fiquei fora de casa e aí voltei e elas tavam meio fraquinhas, aí tô reforçando elas



O formato das colmeias e das favas de mel mudam conforme cada espécie.





agora. E mesmo na natureza, alguns tipos de abelha morrem com o frio. Hoje em São Paulo tá 10°C, esses dias fez 2°C. É um período que a temperatura não é boa pra elas.

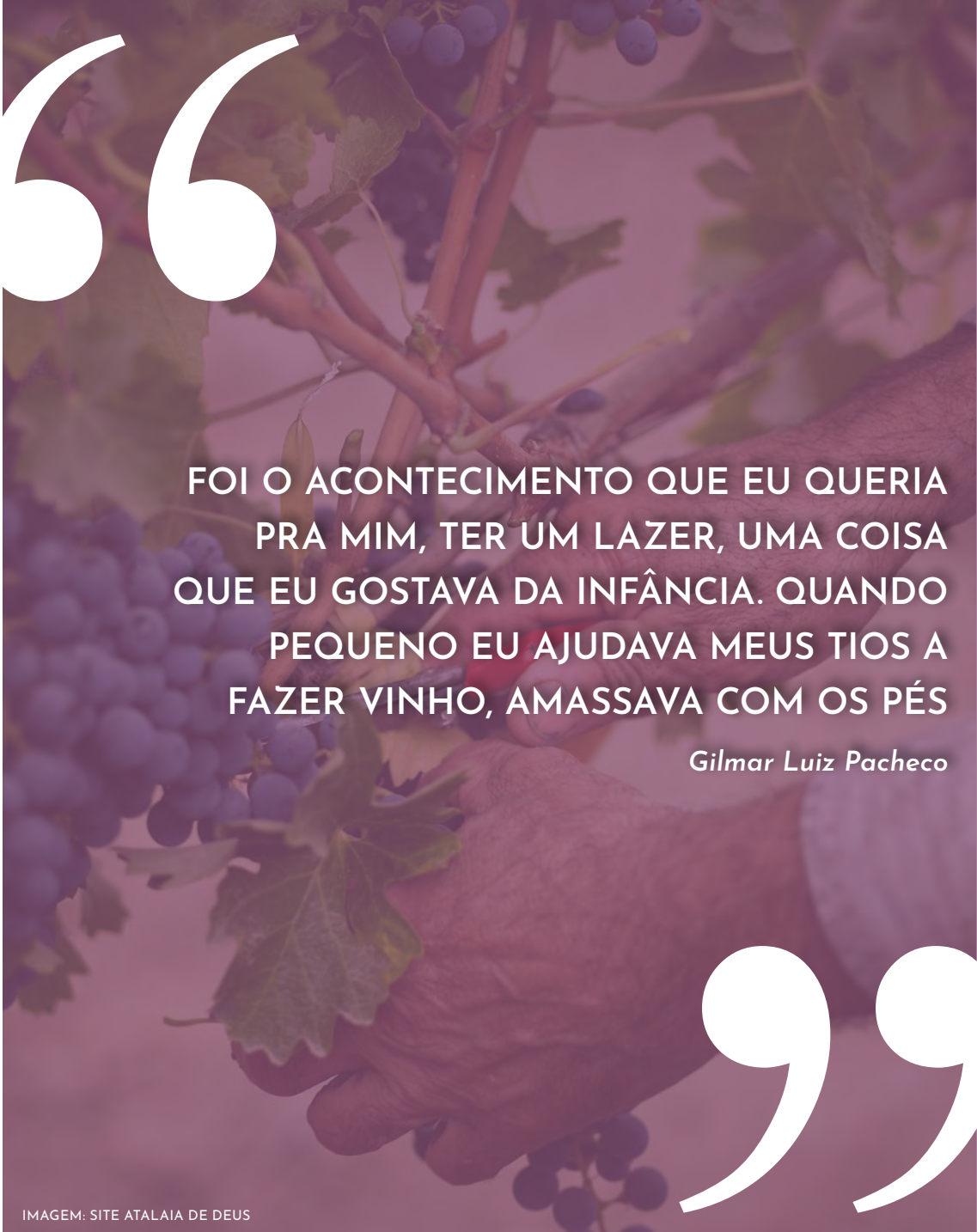
Fernando mora no bairro da Sé, em uma das regiões mais movimentadas do centro de São Paulo. Sua rua é a Riachuelo, que fica em uma localização estratégica, perto de tudo: a Catedral Metropolitana de São Paulo; o Marco Zero da cidade; museu Pateo do Colégio, três estações de metrô - Sé, República e Anhangabaú -; Mercado Municipal de São Paulo; e está ao lado do bairro República - outra localização histórica e agitada.

Para ele, o mais incrível da região é a possibilidade de acessar “qualquer coisa” em pouco tempo. “Eu tô há dois quarteirões da praça da Sé. Aqui onde eu tô eu tenho sete centros culturais num raio de 1 a 1,5 km da minha volta. Eu tenho uma série de shows, restaurantes, mercados a céu aberto. Se eu quiser ir andando, posso ir para a 25 de março”.

Por conta da esgrima, o atleta conhece 41 países. Já participou das Olimpíadas de 2016, foi medalhista duas vezes nos Jogos Pan-Americanos, e oito vezes no Campeonato Pan-Americano. “Quanto mais eu viajo, mais gosto do Brasil. E quanto mais eu gosto do Brasil, mais eu gosto de onde eu vivo também. Por exemplo, Madrid, França e Itália são lugares que no inverno têm festas e eventos grandes. Isso pra mim eu tenho o ano inteiro aqui. Eu tenho essa estrutura dentro da minha bolha, da forma como eu entendo a cidade”, defende.

Contudo, reconhece que não é tão simples assim amar São Paulo. “Eu sou um apaixonado pelo centro. Quando eu era mais novo, morei em muitos outros bairros. Mas agora que tô no centro... Não saio mais daqui! Definitivamente não saio mais daqui. Eu brinco que a cidade, ela funciona assim: se você entra na inércia de São Paulo, você tem uma vida de merda. Se você cria a sua bolha, a cidade fica maravilhosa”.





FOI O ACONTECIMENTO QUE EU QUERIA  
PRA MIM, TER UM LAZER, UMA COISA  
QUE EU GOSTAVA DA INFÂNCIA. QUANDO  
PEQUENO EU AJUDAVA MEUS TIOS A  
FAZER VINHO, AMASSAVA COM OS PÉS

*Gilmar Luiz Pacheco*

# AMOR EM GARRAFA[DO]

A empresa Lig Peças, distribuidora de escapamentos, está localizada na Vila Califórnia, em São Paulo, um bairro simples e familiar. Assim como o condomínio Mundo Apto Cambuci, fica muito próxima à Avenida do Estado e ao Rio Tamanduateí. As ruas são largas, predominadas por casas e pequenos comércios. Seus moradores são versáteis: durante a semana é um bairro calmo e há pouca movimentação de carros; já aos finais de semana, os botecos e casas costumam receber seus visitantes assíduos com a clássica combinação de pagodinho e cerveja.

A sede da Lig é muito parecida com as outras casas, segue quase o mesmo padrão de construção. Logo na frente do terreno está o escritório, onde os clientes são recebidos; mais adentro vem a garagem e, ao final, o galpão de armazenamento de peças. Nesse mesmo terreno, em meio aos ferros, graxas e motores, é possível enxergar um pouco de natureza ao lado da garagem. Quem vai do escritório ao galpão percebe, no meio do caminho, um gramado, uma jabuticabeira, orquídeas, dois pés de framboesa e sete pés de uva. São 20 m<sup>2</sup> de jardim, com direito até a uma minúscu-

la fonte artificial de água para enfeitar, e o parreiral se estende formando um teto vivo para a garagem.

Destes sete pés, é possível colher cerca de 20 kg de uva. Após o plantio, ela leva dois anos para a primeira colheita e depois, anualmente, entre dezembro e março, dá frutos. Os vinte quilos de fruta colhida podem gerar cerca de 35 garrafas de vinho.

Gilmar Luiz Pacheco, de 60 anos, é um dos donos da empresa e cuida de sua pequena plantação com afinco, sempre dando muita atenção às preciosas uvas. Ele e seu amigo Carmino Lioi, de 82 anos, que mora ao lado da Lig, fabricam a bebida juntos desde 2015, ano em que Lioi mostrou a Gilmar sua produção dentro de casa. Ali nasceu a parceria.

Lioi e Gilmar eram conhecidos da vizinhança, com conversas corriqueiras em frente ao portão. Até que um dia Lioi ofereceu, por cima do muro, algumas mudas de seu pé de uva. Gilmar, como bom admirador da natureza, aceitou a gentileza sem hesitar. A amizade passou a criar raízes e desde então os amigos plantam em seus quintais, compartilham as uvas e as acompanham juntos.

Seu Lioi, como é chamado por toda a vizinhança, nasceu na Itália, na cidade de Ro-frano. Ele veio ao Brasil com sua namorada - hoje falecida esposa, dona Maria - em 1961, quando tinha 19 anos. "Eu nasci e cresci no sítio do meu avô. Tinha plantação de uva, de tudo quanto é coisa. E desde os 10 anos eu já tomava vinho com ele, então quando cheguei aqui pensei 'poxa vida, não tenho um vinho de lá para tomar. Tenho que dar um jeito de fazer vinho aqui no Brasil. Vou fazer pelo menos para mim, para tomar o vinho feito das minhas mãos".

Hoje, segue sua tradição na boa companhia dos amigos. "Eu finalmente me acostumei aqui vivendo com esse pessoal maravilhoso, amoroso, meus irmãos brasileiros. Os amigos gostaram da minha maneira de ser, de fazer vinho".

Assim como Lioi, Gilmar também vincula a fabricação do vinho à nostalgia. De família simples do interior do Rio Grande do Sul, cresceu com a tradição familiar e econômica de produzir tudo em casa: pães, queijos, nata, salame, bolWacha, biscoito... E vinho! Quando pequeno, ajudava em todos os processos de produção. Menos na parte de beber - a não ser escondido, quando roubava diversos goles com seus primos. Essas são lembranças que marcaram sua vida, e deixaram saudades, cheiros e gostos que o acompanham.

Natural de Aratiba, Rio Grande do Sul, Gilmar se mudou ainda jovem para Xanxerê, Santa Catarina. Lá, conheceu Soeli Maria de Aguiar Figueiró e já são 35 anos de casamento. Em 1987 vieram do município catarinense a São Caetano do Sul, São Paulo, para "tentar a vida na cidade" e abriram a Lig com mais um sócio. Eles têm dois filhos: Akaoan, de 33 anos, e eu, Giovanna, de 22 anos. E é por isso que, das tantas apropriações da região metropolitana de São Paulo, esta é a minha preferida.

Pude acompanhar de perto o processo de produção de vinho desde 2015, mas ape-

nas como filha admiradora. Nunca havia parado para refletir sobre a complexidade de cada etapa. Trata-se de uma tarefa que exige monitoramento e cuidado por meses, para que o resultado final seja o melhor possível para o paladar e meu pai explicou cada passo direitinho.

Após colherem as uvas dos parreirais que, juntos, rendem em média 40kg, precisam medir a quantidade de açúcar do fruto, com um índice chamado Brix. Este cálculo mostra a porcentagem de açúcar em frutas e líquidos. Quanto mais alto o grau Brix, maior é a doçura e a qualidade. Para complementar, eles e outros três amigos costumam comprar cerca de 1200 kg de uvas do Rio Grande do Sul e "dependendo da quantidade de açúcar que tiver na nossa uva, a gente procura comprar uma safra que esteja mais doce, para 'equilibrar' e o vinho sair de melhor qualidade".

Eles passam um dia inteiro amassando as uvas na máquina, - que antes era manual e, hoje, investiram em uma automática - separando-as dos cachos e utilizando apenas os grãos e as cascas. No mesmo momento, são armazenadas para iniciar a fermentação. Durante três dias, a bebida ainda não tem álcool, mas já pode ser degustada. Ela fica como um suco com um gosto diferente, levemente gaseificada. "É bem gostoso, só que não pode tomar muito, por causa da fermentação. Quando eu e os piás pegávamos escondidos para tomar, sempre ficávamos com dor de barriga".

Por oito dias é preciso medir a doçura e movimentar a bebida frequentemente, para que o líquido se separe dos grãos e da casca. Também é necessário manter uma temperatura estável, "não pode deixar aquecer muito, porque senão o vinho fica com o teor alcoólico muito alto, e aí não é mais vinho, né".

Passados os oito dias, o líquido é separado dos sólidos, para ser o 'primeiro vinho'. Depois da separação, é feita uma prensagem do restante das uvas retiradas do líquido, para

“  
Esse contato com o Seu Lioi, meus amigos e meu filho ali junto, foi muito legal. Uma coisa de igual para igual. Eu vi nele a continuidade do que eu gosto de fazer, ali me ajudando, me prestigiando. Gostando do que eu gosto.  
”

que seja feito o 'segundo vinho'. E ainda, após essa prensagem, as cascas que sobram são fervidas com um pouco de suco, para realizar a destilação, formando a Grappa, uma bebida destilada com um processo de fabricação diferente e com teor alcoólico muito mais alto.

A partir de então, a fermentação dura de quatro a seis meses até que o vinho fique pronto. Passado esse tempo, outra etapa de trabalho intensivo: engarrafar os mais de mil litros da bebida. Minha mãe, meu irmão e eu sempre ficamos empolgados com o dia de engarrafar. Vem vinho novo por aí! E meu pai, ainda mais, afinal, tem um dia inteirinho com seus amigos de trabalho árduo, muita comida e muita bebida.

Para ele, o vinho é muito mais que um hobby: é um alívio na rotina intensiva de trabalho. “Pra mim é uma terapia, né filha. Me ajudou muito, porque na época eu tava passando por dificuldades. Foi o acontecimento que eu queria para mim, ter um lazer, uma coisa que eu gostava da infância. Quando pequeno eu ajudava meus tios a fazer vinho, amassava com os pés. Então eu volto para minha infância”.

Questionado se havia alguma safra que mais gostava, e qual era o motivo, respondeu:

- Foi a de 2017, ano em que produzimos mais vinho e o Aka [filho mais velho] participou pela primeira vez do processo. Esse contato com o Seu Lioi, meus amigos e meu filho

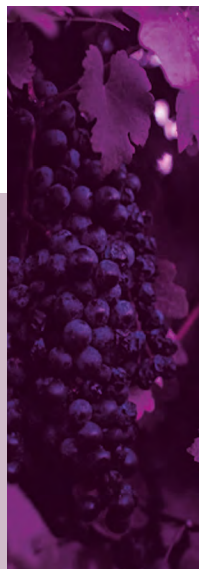


FOTO: JODIE MORGAN



FOTO: CASSIE MATIAS



ali, junto, foi muito legal. Uma coisa de igual para igual. Eu gostei tanto e acho que nunca falei isso para ele. Eu vi nele a continuidade do que eu gosto de fazer, ali me ajudando, me prestigiando. Gostando do que eu gosto.

Ao contrário de Fernando - das abelhas -, Gilmar - dos vinhos - já está cansado de São Paulo. "Eu não gosto daqui porque eu sinto muita falta do convívio, dos costumes, das conversas. Eu sinto muita falta de tudo, na verdade". Os muitos prédios que montam o cenário de São Caetano do Sul destoam de Xanxerê, uma cidade já urbanizada, mas sem tantos edifícios e em certo equilíbrio com a natureza. Gilmar diz que seguir o ritmo da região é muito cansativo e agora, com seus 60 anos, não tem mais vontade ou paciência de acompanhá-lo.

É por isso que o vinho o deixa tão feliz. "Essa oportunidade de fazer vinho com o Seu Lioi me buscou as raízes. Como ele é italiano e minha falecida mãe também, temos muitos costumes parecidos. A comida, o vinho, os interesses e as conversas. Ele fez com que eu fosse buscar a minha juventude, como se eu estivesse lá no sul. Me deu forças para continuar trabalhando e buscar uma saída para voltar para a minha terra ou, se for para ficarmos aqui, seguirmos com qualidade de vida".

O arquiteto Walter José Ferreira Galvão explica que São Paulo começou a crescer exacerbadamente em um momento que o Brasil passava por industrialização inicial em 1950, e suas transformações físicas e sociais foram muito rápidas. A população se concentrava cada vez mais na região central da cidade e, por consequência, houve especulação imobiliária na região. Arelados a esse processo, surgiram dois fatores importantes para a formação da identidade da cidade e posterior região metropolitana, a expansão da malha urbana e o adensamento populacional junto da verticalização.

Com o avanço da industrialização, migrantes e imigrantes chegavam de todos os cantos em busca de trabalho. Segundo ele, São Paulo foi e é o termômetro urbano brasileiro: o que acontece na cidade e sua região, acontece depois nos outros polos urbanos do país. "Ela mede a febre da urbanização do país, define como vai ser as próximas vezes, nos outros lugares".

Devido a esse contexto, a Grande São Paulo é múltipla cultural, econômica e socialmente. É apropriada diariamente por tantas gentes: baianas, inglesas, gaúchas, catarinenses, italianas e, claro, paulistas e paulistanas. Os variados 'Brasis' presentes a tornam tão única.

Minha mãe e meu pai dizem que São Paulo não para e que isso é cansativo demais. Para meu irmão e para mim, que nascemos e crescemos na região, São Paulo não é tão doida como eles dizem. É um lugar que é mais que uma simples localização. São pessoas e culturas que se conurbam a todo tempo, assim como as fronteiras de suas cidades. Casa, trabalho, escola, faculdade podem estar separadas por quilômetros, e, para um paulista, nada é tão longe que um metrô não resolva. Em um frenesi de histórias e horários a cumprir, a São Paulo que nunca dorme está sempre pronta para surpreender e receber suas milhões de apropriações.

